

A REDEMPÇÃO

FOLHA ABOLICIONISTA, COMMERCIAL E NOTICIOSA

Redactor-chefe Dr. Antonio Bento

SAE DOMINGOS E QUINTAS

NUMERO AVULSO CO. REIS

ANNO I

REDAÇÃO
LARGO 7 DE SETEMBRO
Propriedade de uma Associação

S. Paulo, 20 de Março de 1887

ASSIGNATURAS
CAPITAL E PROV. POR MEZ 500 rs.
Pagamento adiantado

N. 22

A REDEMPÇÃO

S. PAULO, 20 DE MAR. O DE 1887.

A situação e os abolicionistas

V

O sr. deputado Rodrigo Lobato, investido da soberba tarefa de *leader* da escravidão politicamente arregimentada, vai receber uma penna de ouro marchetada de brilhantes, em testemunho do apreço e admiração de seus collegas de bancada, pelo tino e superioridade com que dirigiu a causa liberal na assembléa da provincia.

Estão em pleno direito s. exc. e seus amigos; cumpre, porém, que reconheçam na provincia de São Paulo o de estudar o que fizeram uns e outros, invocando os principios do direito politico e administrativo, os sentimentos de patriotismo e até mesmo as regras da disciplina partidaria.

Tendo por aliados os abolicionistas de todos os partidos, cabe-nos examinar o procedimento de cada um delles, para demonstrar que a disciplina partidaria é a certos respeito a escravidão em politica.

Conservadores, liberaes e republicanos já escreveram todos a sua historia sobre o elemento servil.

Conhecemos, pois, pelo segundo, por ser o partido constitucional em opposição ao governo e a situação.

O partido liberal assumiu perante o paiz solemne compromisso em relação á solução do problema libertador.

É a parte que não soube nesta questão collocar em duas phases, ambas conducentes ao seu descredito e aniquilamento, ou á convicção de que nunca existiu regularmente constituído.

Na primeira, figura como autor da agitação promovida em 1867 o ministerio de 3 de Agosto, garantindo, por Martim Francisco, a sinceridade da aspição, contestada á situação denominada progressista.

Na segunda, como reformador impotente, embarçado pela luta intestina, e podendo legislar somente com o auxilio dos adversarios, o funebre gabinete de 6 de Maio.

Zacharias, iniciando a agitação para propagar a idéa e assignalar a epocha

de sua realisação; Saraiva, invertendo e mistificando o que achou feito, retrocedendo e baralhando para fortalecer o egoismo e legitimar a crueldade, são as duas realidades vivas do que o liberalismo pôde produzir de significativo para a questão.

Entre um e outro a historia ha de indicar o patriótico ministerio Dantas, herdeiro das tradições do 3 de Agosto, seu vingador talvez, resolvido a restaurar o liberalismo despedido em 16 de Julho de 1868—afirmado no programma de 4 de Maio de 1869 e largamente desenvolvido nos debates da lei Rio Branco, talvez esquecida pelo caprichoso forçamento das datas.

Si o gabinete de 3 de Agosto vio desfolharem-se as esperanças de levar a effeito a reforma, concluida a guerra com o Paraguay, na subita e propositada questão de prerogativa magestatica, no tocante á escolha de senadores, ao ministerio de 6 de Junho coube tambem o incidente da sorte de cahir em nome da ordem publica ameaçada, argumento quotidianamente adduzido para, condemnando as libertações em massa, negar as dos s-xagenarios.

Zacharias não logrou redigir o projecto que seus amigos deviam apresentar.

Dantas não pôde discutir o que foi elaborado para symbolisar a politica do ministerio.

O imperador, quando, entretanto, escolheu Salles Torres Homem, em uma situação que lhe era avessa e cuja eleição foi annullada, já conhecia a doutrina sustentada por Zacharias sobre a responsabilidade dos ministros pelos actos do poder moderador, em 1861, e no mez anterior, a 16 de Julho.

O imperador, quando, com pismo de toda a nação, preferiu a dissolver a câmara, negando resposta á régia consulta, acceitar a *moção das ruas*, já sabia que o principio da desordem, do tumulto e da anarchia era o recurso de uma opposição sem aspirações definidas, manifestado na sua retirada do recinto da camara. no tempo do ministerio Lafayette, na gritaria do senado contra o ministro Leoncio de Carvalho, na suspensão da sessão pelo sr. Cotegipe, no gabinete Martinho Campos e na crepitação declamatoria do moreirismo liberal, no periodo anterior á dissolução régia, referendada pelo ministerio Dantas.

Antes de chegar ao aspecto provincial da questão, ha ainda no geral dous vultos a comparar, assignalando a confusão dos homens, distinguindo-se uns dos outros pelas idéas, antitheticas com as denominações: Rio Branco e Saraiva!

O primeiro é a representação da magestade do talento, do poder do estudo e da virilidade do patriotismo.

O segundo é a concretisação de todos os estragos da escravidão, na influencia que exerce sobre o intellecto e o sentimento do titular.

Rio Branco preparou a sua posição de primeiro ministro do 7 de Março nos trabalhos do conselho de estado e na tribuna do senado, corrigindo suas opiniões para o liberalismo, que é a essencia da abolição.

Saraiva não discutiu e nem votou a primeira lei de 28 de Setembro, oppondo-se á revisão do programma liberal, instantemente reclamada por Tavares Bastos, em 1872, e urgida pela attitude dos conservadores progressistas, transformados em executores das reformas liberaes no ministerio de 7 de Março.

Saraiva, egoista, ou egotico parlamentar em 1871, teve para a questão somente o *não cogito* do 28 de Março, o silencio e a concentração explorada pelos adversarios durante as lutas gloriosas do gabinete de 6 de Junho.

Ministerio imposto pelos adversarios e refractario á solidariedade doutrinaria do seu partido, o gabinete Saraiva annunciou-se ao parlamento caracterizando lucidamente a natureza de sua missão.

Em 1871, Rio Branco quiz representar a opposição liberal appellando para o seu voto, porque a idéa era sua.

Em 1885, Saraiva invocou o apoio dos conservadores, porque o seu projecto era talhado pelos moldes do mais puro conservatorismo.

A opposição, que não pôde vencer Rio Branco, ha dezesseis annos passados por seus esforços directos, conseguiu fazel-o por intermedio do sr. Saraiva, substituindo uma lei por outra, até na identidade das datas.

Dez senadores liberaes já protestaram contra as tradições do ministerio Saraiva, redigindo um projecto que salve a honra do partido liberal.

Dous annos de opposição estão já esgotados e o moreirismo derrotado e deca-

dente ainda não ousou doutrinar o partido sob o aspecto politico.

A sua palavra directora recommenda somente disciplina, preocupando-se da vida material, quando é certo que as idéas constituem a substancia e a alma dos partidos.

O sr. dr. Rodrigo Lobato não melhorou as condições doutrinarias do seu partido nos debates da assembléa provincial.

Fallecem-lhe testemunhos de lealdade ás idéas liberaes para que possa ser proclamado o reorganizador parlamentar com autoridade politica para vir em breve recommendar disciplina.

Os liberaes abolicionistas não viram ainda sagrar-se na pira do liberalismo das idéas e dos compromissos de opposição.

S. exc. pôde ter sido um deputado versado, pela sua pratica, na interpretação do regimento, dos estylos parlamentares e até mesmo de algumas questões administrativas; mas o que ninguém ficou conhecendo são os moldes do homem politico.

A pena de ouro que s. exc. vai receber não lhe ha de servir para escrever a rehabilitação politica do seu grupo partidario.

Os brilhantes que a enfeitam symbolizam as lagrimas crystalisadas de mais de tres seculos de martyrios, illuminando as victorias da iniquidade sobre o direito, da opulencia da ociosidade sobre a miseria do captivo, das galas da barbaria contra o lucto da civilisação, do sorriso do interesse triumphante contra o pranto da humanidade lesada, da indifferença da impiedade contra os clamores da religião, dos sophismas do egoismo contra os protestos da sciencia economica e o rebaixamento e vergonha da nação, abatida e desolada.

Possam os abolicionistas dos outros partidos colher lições proveitosas nos exemplos da vida ingloria com que a resistencia fechoo o seu tirocinio parlamentar, explorada em sua boa fé e credulidade, e escarnecida e desprezada em suas legítimas aspirações.

Não podemos, ainda desta vez, saudar o sr. Rodrigo Lobato ao vê-lo perfilar-se para assistir ao desfile do cortejo das felicitações convencionaes do escravagismo politicamente organizada, designando summidades para melhor fortificar-se.

FRANKLIN.

Aos escravocratas

A fallar bem a verdade, eu não sei o que é que pensam estes senhores escravocratas, principalmente os republicanos.

Ser republicano e abolicionista é contradizer as idéas que prega.

Como pôle caber na cabeça de um homem ser republicano e escravocrata? A isto é que eu quero que me respondam os taes republicanos de meia tigella.

O que entendem estes senhores por republica? O que pensam disso?

Querem republica com escravo? é um impossivel! Elles devem saber que a escravidão é um roubo mas a ambição, a febre do ouro fal-os praticar ao contrario do que sua consciencia lhes ensina.

A' pesar de tudo, de toda a guerra que tem soffrido a idéa bolicionista, ha de caminhar sempre.

O dr. Campos Salles den liberdade aos seus escravos, conditionalmente. Merecia o dito senhor, pelos 4 annos que ainda os seus ex-escravos têm de trabalhar para si, um soneto em versos quebrados!

Os outros senhores têm libertado os seus escravos, sempre conditionalmente, 34 annos de trabalho!

Parece que os taes senhores não podem deixar n'um golpe os seus infelizes escravizados.

Estão tão acostumados aos serviços dos pobres escravos, que nada lhes é tão custoso como deixal-os livres.

Tambem os senhores estimam tanto os escravos... não poderão elles viver melhor do que na casa de seus senhores?

Em parte alguma!!!

Mas a abolição é uma fatalidade e ha de vir, seja do modo que fór, seja pelo lado que venha ha de sempre vir!

Eu prefiro que v

indemnização, que queriam os proprietarios não tem razão de ser; e que indemnização dão ao escravo que trabalhou muitos annos sem receber só um centem pelo seu trabalho? E com mais razão não poderia elle exigila.

E se o escravo exigisse o fructo de seus trabalhos, o faria com razão.

Indemnizemos o escravo e não o senhor que este deve comprehender que o escravo tem mais direito á indemnização.

O fazendeiro proprietario de escravos devia pagar o que lhes comem em serviços, depois de ser obrigado a dar-lhes liberdade.

Aos republicanos escravocratas peço que deixem a bandeira republicana e não sugem-n a com discursos.

LUCRESIO BILOSCI

FOLHETIM

(22)

STOWE

A CABANA DO PAE THOMAZ

CAPITULO OITAVO

A fuga d'Eliza

—Não fallemos mais nisso! não fallemos mais nisso! diz Haley, tremendo.—Seja como tu quizeres; coufo na tua palavra!

—Bem sabes que eu não sou como tu; as minhas contas são sempre claras e justas, ainda que trate com o diabo em pessoa! o que digo, faço-o!

—Sei, melhor que ninguém, que és homem de palavra; por isso, o que agora só exijo é que me promettas de entregar dentro d'uma semana, o meu escravosinho fugitivo á pessoa que eu te designar.

—Mas estamos ainda longe de contas, amigo Haley? Não fui tão pouco tempo teu socio no commercio, para não saber como é que se segura a enguia, quando a temos na mão! Vais contar-nos cincoenta dollars pe'o nosso trabalho, sem o que diz adeus ao rapaz!

—Como! diz Haley, espantado.—Quando sou eu que lhes procuro um negocio que pôde valer-lhes mais de dous contos de reis, qu'êrem ainda em cima que lhes pague!

—E se elle não tiver esse resultado, pagar-nos-has tu o nosso trabalho de cinco

semanas, pelo menos, que empregaremos a correr atraz da moça, e de seu filho, talvez inutilmente; porque não é coisa facil apanhar as raparigas, quando ellas não querem ser apanhadas! Conta-nos os cincoenta dollars; se a empresa tiver bom exito, reembolsa-lo-has, senão ficam pelas custas. Não é isto justo, Marks?

—Certamente, certamente—responde este, com tom conciliador.

—É unicamente o que se chama uma caução. Tom é bom moço, como sabes, mr. Haley! e conduzir-lhe-ha o rapazito aonde quizer.

—Se o achar, conduzi-lo-hei a Cincinnati, e deposita-lo-hei em casa da velha Belcher, que mora sobre o cães—diz Loker.

No entanto, Marks, tirando da algibeira uma carteira sebeuta, e desdobrando uma folha de papel n'ella contida, começou a lêr em voz baixa: «Barnes, Condado de Shelby—um rapazito, de nome Jim, trezentas patacas por elle, morto ou vivo.—Edwards, Dick e Lucy, marido e mulher, seiscentas patacas por ella, ou pela cabeça...»

—Estou examinando a lista dos negocios que temos entre mãos, afim de ver se podemos occupar-nos já do seu, diz elle, dirigindo-se a Haley.—Loker, prosegue elle, depois d'uma pequena pausa, é necessario enviar Adams, e Springer em procura desta Polly; ha já muito tempo que ella está registada.

—São exigentes de mais! diz Tom.

—Eu arranjarei a cousa; são novos nos negocios, e consintirão a trabalhar por um preço modico. (Continúa a ler.)—Eis

aqui tres casos bem fáceis; porque basta uma meia duzia de tirós, ou jurar que foram mortos! Não podem exigir grande cousa por uma tal execução! Quanto aos outros casos, diz elle, tornando a dobrar o papel, podem esperar ainda. Vamos, pois, ao seu negocio, mr. Haley!—Diz que vio a rapariga abordar, ao outro lado do rio.

—Tão clarament como eu o estou vendo.

—E houve um homem que a ajudou a pôr pé em terra?—perguntou Loker.

—Certamente.

—Ha toda a probabilidade que foi recolhida em algum parte, mas onde? É a difficuldade! Que te parece, Tom?

—Que é necessario passar o rio infallivelmente esta noite.

—Mas senão ha barca! além de que não sei si seria prudente com o tempo que faz...

—Não sei si é prudente, ou não; o que sei é que é necessario passar do outro lado, seja de que modo fór—diz Tom decididamente.

—Na verdade, a noite está medonha!

—diz Marks, chegando á janella.

—Bem vejo que tem modo; mas não sei que lhe faci!

—Não é medo... porém...

—Porém, que?

—Nada... a barca... bem ouvio que não havia barca!...

—Sim; mas tambem ouvi dizer que havia um homem que devia passar o rio esta noite, e estou decidido a ir com elle; succeda o que succeder!

—Trazem consigo, supponho, bons cães? diz Haley.

—Excellentes! responde Marks.—Mas de que serve isso, si não ha nenhum objecto do seu uso que se lhes dê a cheirar?

—Tenho eu dous! diz Haley com ar triumphante.—Um chapeo e o chapéu, que ella deixou no quarto, na precipitação da fuga.

—É boa achada! exclama Loker,—dame cá isso! mas o que receio é que os cães não estraguem a rapariga, atacando-a de improviso!

—Não deixa de ter seu peso essa consideração! diz Marks, porque já uip de nossos cães fez em pedaços um individuo, no Mobile, bem sabes, Tom!... antes que lho pudessemos arrancar dos dentes!

—Com effeito, para esta qualidade de escravos, que se vendem por causa da sua belleza, os cães não valem nada! diz Haley.

—É evidente! replica Marks;—além de que, si ella achou abrigo em alguma casa, os cães são inúteis; transporta-a-hão, naturalmente; em segro ou a cavallo, e como é que os pobres animaes poderão assim ter fardo della? Elles só são bons nas plantações aonde os pretos, quando fogem, são obrigados a ir a pé.

—Vamos, diz Loker, que tinha ido buscar informações, o homem chegou com a sua barca carregada, e vai passar o rio; assim, pois, é necessario aviar-te, Marks!...

A digna personagem lançou um olhar saudoso a todas as commodidades que ia deixar e levantou-se vagarosamente para obedecer. Depois de haver terminado com Tom alguns ultioras arranjos,

Haley entregou-lhe, com ar constrangido as cincoenta patacas, e o respeitavel trio se separou por essa noite.

Si algum de nossos leitores christãos, demasiado delicado, se acha contrafeito na sociedade aonde o introduzimos, que faça por abandonar os seus prejuizos. A cada aos fugitivos, tomamos a liberdade de lho lembrar, eleva-se pouco a pouco á dignidade de profissão legal e patriótica (1)!

Em quanto esta scena se passava na estalagem, Samuel e Andy, profundamente satisfeitos de si mesmos, tornavam para casa de mr. Shelby. Samuel, no auge do contentamento, exprime a sua satisfação por mil contorsões e gritos extravagantes. Umavez, assentava-se ás avessas sobre a sella, com a cara virada para o rabo do cavallo, dava um grito e tornava á sua posição natural; outras, alongando o focinho, começava, com voz grave, a censurar a Andy os seus risos e as suas loucuras, passando depois a estrondosas risadas, que faz'am estremecer as velhas arvores dos bosques.

—Todavia, a marcha nem por isso era menos apressada, de modo que das dez para as onze, horas ouviram-se os pés dos cavallos no pateo da morada de mr. Shelby.

Mr. Shelby correu logo á janella:

—Es tu, Samuel? Aonde estão elles?

—O Senhor Haley ficou na estalagem descansando.

—Mas Eliza?

—Mas Eliza?

(Continúa)

(1) Em consequencia da recente Fugitiva Slave Bill.

LADRÕES! SICARIOS!

Roubam do portuguez a liberdade. Até o pensamento roubar querem!

Vergonha! vergonha inaudita, qualificativo com que os estrangeiros nos apontam no mappa das nações...

Será possível, meu Deus! que no continente americano continuemos a ser apontados como bárbaros e sicarios?!

Será possível que o Brazil seja considerado por mais tempo—planta exótica no grande continente americano...

E o povo não vê, e o povo não ouve o chorar da pobre humanidade, que geme, chora e grita pela sua liberdade...

Mas... o que fazer o povo quando o governo do paiz está cego, surdo e mudo para não perceber o que se passa em torno de si?!

Na Côrte, Francisca de Castro assassina uma infeliz escravizada por martyrios e de toda a sorte por ella inventados.

Na cidade de Itajubá, (Minas), Manoel Custodi dos Santos quebrará força de torquês, os dentes do escravo Clemente, por commetter o grande crime de chupar alguns nós de canna.

Na Parahyba do Sul, uma escrava de nome Regina, perenente a um poderoso da terra, morre no tronco de baixo do vergalho do feitor.

Em Campos, morreram dous escravizados do Valle, de con-

Em Itagy das Cruzes, um portuguez, homem de má catadura, côrta á enxó os joelhos de um seu escravizado, e o torna invalido.

Em Campinas, um tal sr. Celestino dá o mais repugnante exemplo de perversidade, espancando brutalmente um seu escravizado, alarmando a população para testemunho do seu glorioso feito!

E centenaes destes edificantes feitos, se têm reproduzido em todo o imperio e o sr. Valentim Magalhães, na sua mimosa poesia A Liberdade, assim estigmatiza:

«E's em todo o universo o preito, o leprozo, E dos livres no templo «ta vedado entrar.»

Vergonha! Vergonha das vergonhas para o brasileiro, o brasileiro em cujas veias pulsa o sangue americano!

Onde viver um brasileiro illustrado, cheio de verdadeiro sentimento de philantropia e caridade, despido de egoismo e preconceitos, direi: é um abolicionista sincero e devotado, é um perfeito americano.

Mas, quando vives um ru tico, ignorante, cheio de vaidade, enfatuado no sentimento egoista de uma riqueza que não a fez, direi: é um pedante, escravocrata, que julga ser alguma cousa, não passando de nihilidade, verdadeiro mandarin da infima cathogoria, escada por onde trepam os typpões que cercam o throno, embaraçando a vontade soberana de proclamar a libertação dos miseros captivos, que só encontram desonra nos crimes e na morte.

Ah! sr. Morerinha!

A sua influencia e de seus intimos devemos nós, os abolicionistas, o entorpecimento em que ainda se acha a grandiosa questão da emancipação da escravatura.

Si não fora a traição dos liberaes, escravagistas vendendo o partido liberal ou conservadores, a escravidão teria tocado o seu ocaso, como era a esperanza, os desejos de uma nação inteira, ludibriada pela ambição descomunal de um energumeno escravocrata.

Baldados esforços; porque risonha desponta a aurora da redempção!

Os hymnos troam no espaço infindo repercutindo em todos os pontos do

imperio as sublimes harmonias da regeneração de um povo!

Haverá ainda quem duvide do grandioso facto, prestes a manifestar-se com todo o esplendor da sua grandeza?

Seria duvidar da existencia de Deus e do mundo!

Tudo neste mundo tem fim desde que teve principio. Assim, vai findar a barbara escravidão para gloria da nação e dos abolicionistas, e tristezas dos septicos escravocratas renitentes e retrogradados. Tenham paciencia, meus senhores, ha de chegar tambem a vez dos ultimos hobrearem aos primeiros, os escravos aos senhores; confundindo-se nos direitos e acções como membros da sociedade, verdadeiros cidadãos brasileiros. Que vos pese, escravocratas, respeitae-os Não envesgueis os olhos desviando a pontaria, porque, apesar vosso, elles irão encontra-se no decreto que em breve terá de ser lei no imperio do Brazil.

Illusão de obstinados!

Arredai-vos do caminho, espantalhos do progresso!

Deixae passar o cortejo da abolição, que entõa o hymno da redempção, nascido do peito patriota de um povo livre e independente.

Curvae a frente ante o estandarte do progresso, e extatico contemple a rapidez com que fructifica a arvore fecunda do abolicionismo.

Lastimae o tempo que perdeste regando a mirrada semente que plantaste no terreno esteril das vossas atrasadas creenças.

O sangue dos escravos afogou a semente que plantaste no solo da tyrannia e da iniquidade, emquanto as lagrimas orvalharam aquella, semeada na terra da justiça e caridade! Deixae passar o estandarte glorioso do grande partido nacional! Não ha força humana que suspenda o seu passo no caminho da gloriosa cruzada.

A bandeira sagrada da redempção, uma vez desfraldada, não pôde mais enrolar-se á haste emquanto nao tremular orgulhosa e altiva no mais alto baluarte de sua sublime conquista.

S. Paulo, Março de 87.

AGNUS.

Nutrienta de escravos

Sob consulta dos collectores de Campinas e Piracicaba respondeu o sr. presidente o seguinte:

«Devem os collectores dar aos apresentantes das relações que não puderem ficar lançadas nos livros respectivos recibos ou declarações explicitas, para o que convier no futuro.»

Abriu o sr. barão de Parnahyba com esta decisão uma porta para toda a qualidade de bandalheiras que quizerem fazer os senhores de escravos, de combinação com o collector.

A lei estabeleceu um anno de prazo e portanto tinham tempo sufficiente os senhores de escravos para matricula-los.

E' regra de direito que dormientibus non succurrit jus.

EVOLUCIONISMO

IV

Demonstrámos, nos artigos anteriores, que as idéas expostas por Galnei, nos artigos—Orientação abolicionista, não correspondem ás aspirações dos dedicados soldados da liberdade.

A execução do seu plano vinha favorecer aos escravagistas. Parece á primeira vista, que um escravocrata desanimado, reconhecendo a sua causa perdida, lançou mão desse ultimo recurso: apresentar, sob o titulo de abo-

licionista, um plano que prolongasse o regimen do escravagismo.

Façamos o confronto de algumas proposições de Galnei:

«Queremos a abolição immediata, sem indemnisação; ou antes, queremos a indemnisação, sim, que o expoliador indemnise o ex-escravizado.»

A victima — o escravizado, deve ser indemnizado pelo ex-senhor, que lhe extorquiu tudo, até os bons sentimentos, que usurpou até a consciencia de homem, o amor proprio e o transformou em objecto aviltante, abaixo do valor de um bom cavallo.

Os escravizados devem ser indemnizados; por isso, venha já a abolição. Sejam já declarados, livres todos os escravizados existentes no imperio do Brazil.

Todo o que dessa data em dian-

te apontar para um homem e disser: —Aquelle foi meu escravo—, seja punido por crime de injuria.

Nos documentos officiaes seja expressamente prohibido adoptar-se o titulo de ex-escravizado.

Essa indemnisação moral é a primeira que deve ser dada ás infelizes victimas do escravagismo.

A lei abençoada e santa que declarou não existir mais escravos no Brazil deveria reconhecer o direito ao titulo de cidadão brasileiro a todos os ex-escravizados.»

(Orientação abolicionista, III.— A Redempção, de 20 de Janeiro de 1887.)

Eis ahi a verdadeira linguagem abolicionista; porém, a par dessas idéas moralisadoras e progressistas, apresenta outras, fundidas em outros moldes, e que trazem, aparentemente, um cunho escravagista.

Impressiona profundamente ao espirito que se affirma a essas idéas, e que se vê por essa linguagem bella e persuasiva, vê o mesmo escriptor em seguida apresentar um plano de transição entre o estado de escravo ao estado de homem completamente livre.

Por mais bello e seductor que fosse o plano de Galnei, devemos combater abertamente, porque a sua idéa de transição parece justificar uma transacção clandestina ou uma criminosa concessão aos escravistas.

Por mais pura que seja a intenção do escriptor, por mais sinceras e leaes as suas idéas, poderemos combatel-as, respeitando o individuo. Portanto, não discutimos a intenção, apenas combatemos a idéa de exigir dos ex-escravizados a prestação de serviços por tres annos aos ex-senhores.

Para estabelecermos uma refutação leal, transcrevemos o plano da transição, esboçado no mesmo artigo acima mencionado.

Faça-se um confronto das idéas acima enunciadas com as que vamos reproduzir agora.

Libertados todos os escravizados, entende Galnei, que a lei devia declarar que o ex-senhor passará a desempenhar o papel de—contratantes, e o ex-escravo o papel de—contractado; que é um crime de injuria verbalmente ou por escripto, em juizo ou fóra delle, substituir a palavra — contratado pela — ex-

Estabelecer o contratante o direito e o dever de dar trabalho e salario ao contractado, por espaço de tres annos e o tratamento de ente humano a quem tem direito.

Conceder ao contractante o direito de comunicar á autoridade designada pelo governo, quinze dias antes, pelo menos, que em tal dia irá apresentar os contratados taes e taes que estão ao seu serviço, e com os quaes quer dissolver o contrato, desistindo do tempo de trabalho que lhe falta.

Antes de proseguirmos na transcrição, vamos analysar já esses periodos, afim de não tornar muito extenso este artigo.

Parece ingenuidade suppôr que é possível que o ex-senhor vá espontaneamente comunicar á autoridade, que quer desistir do tempo de trabalho a quem tem direito do seu contractado.

Ao ex-senhor ha de parecer que os tres annos voam, e que durante esse tempo não podem indemnisar completamente o capital empregado na compra do escravo; portanto é um absurdo suppôr que são capazes de desistir dos serviços dos contratados.

Quanto ao salario, pequeno embora, parecerá muito avultado. Perante o salario é muito longo o prazo de tres annos!

Que a lei obrigue a pagar o trabalho do ultimo mez, na opinião delles, ainda seria uma exigencia injustificavel; mas, pagar o salario durante tres annos, para enriquecer os contratados, é de mais!

Acabamos de vêr que acharam pouco treze annos e ignominiosamente roubaram mais um anno e meio de trabalho ás infelizes victimas do captivo.

Si os ladrões de casaca que commetteram esse crime são os que se apresentam á luz do dia, como representantes da nação, o que não fazem occultamente, nas fazendas, os complices dos piratas!!

O salario poderia existir em theoria perante a lei, mas nunca existiria de facto perante o contractado. Essa lei seria burlada.

REI-LOTTER.

O escravagismo em Taubaté

Pedimos ao redactor da Redempção que, tendo suas creenças firmadas nos grandes principios—amor e caridade—apregoados pelo redemptor do mundo, nos conceda um pequeno espaço nas columnas do seu patriótico jornal para dirigirmos algumas metralhas abolicionistas contra esta cidade de Taubaté —metropole da escravidão no Brazil.

Este logar é o berço do prestigioso conselheiro Antonio Moreira de Barros, que se oppôz com o brilho de sua palavra e a força pujante de sua posição á concessão de favores que o criterioso ministro Dantas pretendia outorgar aos infelizes escravos.

Este é o logar que contém em si muitos verdugos e tyrannetes da escravidão, que nem a religião, nem a moral e nem os progressos da civilização moderna puderam abrandar seus ferozes instintos ou nascer em seus corações esses generosos sentimentos, que tanto exaltam a pessoa humana.

Este é o logar onde a numerosa e importante classe dos lavradores fez pressão e exigiu terminantemente que aquelle illustre conselheiro se oppuzesse ao projecto Dantas ou a qualquer refirma do elemento servil, visto que a lei Rio-Branco já tinha concedido o que era possível conceder-se a esses infelizes, que devem trabalhar para os seus senhores só esperando como resultado do seu trabalho a—fome, a nudez e o azorrague—unico futuro do escravo.

Este é o logar, finalmente, onde se constituem o centro activo dos escravocratas contra a liberdade; facto este que veio manchar este municipio de negras nodas, que jámais a esponja do tempo poderá apagal-as.

Vêse, portanto, que esta bella cidade de Taubaté representa um novo Humaytá, em cujo cimo tremula essa horripilante bandeira da escravidão, que deshonra e avilta todo o Brazil.

Mas, si o Humaytá de um Lopes custou tanto sangue e milhares de vidas por causa da honra nacional offendida, como tolerar-se este novo, que se levantou offendendo a honra, a dignidade e a liberdade de nossa patria?!

Como deixar de atacar esta fortaleza escravagista, que quer e sustenta a continuacão de nossos irmãos no jugo da escravidão?

Não... Felizmente para esta importante cidade, muitos são os abolicionistas e em grande numero são aquelles que, em reserva, condemnam fortemente a escravidão e que só esperam uma oportunidade para, levantando as visceiras, atacar com violencia este centro metropolitano do esclavagismo.

Potanto, existindo nesta cidade fortes elementos de força para organisação de um partido abolicionista, esperamos da generosidade do jornal Redempção, a concessão de um claro para a publicidade do contingente que posamos offertar em favor da escravidão no Brazil.

Com satisfação principiamos por dar a grata noticia de que o dr. João Porfirio de Macedo pretende em breve formar um club abolicionista, que pôde se considerar fundado, visto contar elle com grande numero para velar especialmente sobre os direitos dos infelizes escravos desta cidade e circunvizinhanças, dando a protecção legal que elles precisam para tornarem effectivos os seus direitos, a liberdade em juizo ou fóra delle.

Este distincto cavalheiro timbroso e de força de vontade, como é, só poderá quebrar, mas nunca vergar ou vacillar diante das difficuldades, por maiores que sejam.

Assim, pois, tornar-se-ha elle o grande arauto do norte de nossa provincia, onde será o primeiro a dar forte movimento na evolução da liberdade; que, em gestação adiantada, chegará ao seu termo, nivelando os senhores aos escravos...

O club será, pois, uma verdade em acção, e não tardará muito em hastear sua bandeira, que pede liberdade e civilização onde se acha desfraldada a negra bandeira do esclavagismo.

O TIRA-DENTE.

Círeo tauronomico

Realisa-se hoje, ás 4 horas da tarde, no largo sete de Abril, a estrêa da companhia tauromachica, dirigida pelo intrepido toureador Francisco Pontes.

Ilm. sr. redactor.

Tendo lido aqui na Côrte um dos numeros do seu importante periodico —A Redempção, e vendo com que pujança de talento s. s. defende a causa dos escravizados, eu, que me orgulho em ser abolicionista sincero, não posso deixar de pedir-lhe para inserir no seu conceituado jornal a minha modesta variedade—A escravidão, e offerecel-a áquelle que em S. Paulo vela pelos captivos.

A escravidão

A fazenda estava em festa. Tinha tido logar o casamento da filha do fazendeiro F...

Os convidados chagavam, uns após outros; em cada rosto via-se brilhar a alegria...

Só na senzala escura e humida gemiam os miseros captivos.

Esses não tinham o direito de com partilhar na mesma alegria.

Batiam nove horas. um escravo gemu.

A noiva, como que sorprendida com aquelle gemido agudofe lascinante, voltou-se para o pae e disse-lhe:

—Meu pae, o meu casamento não está bem abençoado; parece que estou vendo aos meus pés um bando de mulheres e homens mergulhados em pranto e implorando a liberdade!...

—Promovei-a, meu pae; não queiras vêr sobre o meu vestido de noiva a negra mancha da escravidão!

Dahi a poucos instantes entravam no salão aquellas pessoas que ha pouco choravam pela liberdade.

O rico e nobre fazendeiro F..., com as legrimas nos olhos, olhou para ella e disse:

—Minha filha, disseste ha pouco que o teu consorcio não estava abençoado, que vias mulheres chorando pela liberdade. Pois bem: sejam essas mesmas lagrimas já redimidas a tua bençãam matrimonial!

E, virando-se para os escravos, disse-lhes:

—Vossês estão livres, podem ir para onde quizerem; certos, porém, que a ella o devem.

Nesse momento a luz sublime da redempção illuminou com seus raios todo o palacete.

Dahi em diante não se ouvia mais um gemido nem o grito lascinante de um captivo!

A deusa da liberdade tinha já apparecido!

Côrte.

EDUARDO MAGALHÃES.

Crimes sobre crimes

(Da Gazeta da Tarde)

Dizem que o telegramma com que a agencia Havas imbauu o mundo annunciando lhe a extincção da escravidão no Brazil foi dictado pelo proprio imperador.

Acreditamos. Deve ser para sua magestade uma grande vergonha a posição singular que elle tem entre os soberanos do mundo. E' o unico a reinar sobre escravos, elle que é proclamado o Salomão dos reis modernos. Não obstante, sua magestade quita-se com a sua consciencia permitindo-lhe horas de vexame.

Passadas estas horas, o imperador do Brazil dá-se tão bem com a escravidão como com o seu banho.

Si houvesse realmente da parte de sua magestade o desejo de apressar a extincção da escravidão, e caminho politico; elle seguido na mudança de situação seria outro.

Reconhecida a impotencia do partidoliberal para manter-se no governo, o homem indicado era o sr. João Alfredo.

Sua magestade provavelmente, nas suas memorias, se justificará appellando para a declaração do sr. barão de Cote-gipe, no banquete do Globo: o partido conservador quer, pôde e deve fazer a emancipação do elemento servil. Mas a historia responderá a sua magestade:

Vós' conheciis bem o barão de Cote-gipe. Sempre que elle disse sim nos labios, dizia não no coração. O seu ultimo-ministerio foi o do empenho de honra, em que elle fez disparar da sua espiogarda a eleição directa da camara quasi unanime. Demais: sabbatinastes os chefes liberaes. Exigistes delles declarações formaes sobre as suas idéas e não fizestes o mesmo com o sr. barão, ou fizestes para consentir na violação do pacto firmado.

No partido conservador havia um homem indicado pela situação do problema servil: era o sr. João Alfredo.

Membro do ministerio Rio-Branco, elle foi o braço forte do estadista que presidia o gabinete. A difficilissima parte de contra-regra parlamentar foi elle quem a desempenhou, ora ameaçando os retardatarios, ora ameigando-os pela maxima de Walpole.

A lei, que resultou do primeiro tentamen liberador, apesar de todos os seus defeitos, foi uma affirmação da boa vontade do legislador e o regulamento o mais glorioso attestado da lealdade do gabinete. A liberdade, si não espantou de todo a treva eterna no ventre da mulher escrava, bruxuleou alli como lampada fronsa em subterraneo. A raça negra teve ao menos luz bastante para ver o caminho da redempção. Foi, apesar de tudo, uma lei bem fadada, o prologo de uma grande obra, em que o sr. João Alfredo foi no ministerio o maior collaborador.

O debate da lei deve ser para o sr. João Alfredo uma tradição sagrada. Sempre que exercitasse de sentar-se com a responsabilidade de primeiro legislador, não estaria só: viria cercal-o a memoria de Rio-Branco, Inhomericim, S. Vicente, Souza Franco e tantos outros grandes brasileiros que nella collaboraram pelo brilho de sua palavra redemptora.

Do sr. João Alfredo si, pelas circumstancias politicas, era impossivel obter um plano completo para a libertação rapida, era dever esperara maxima lealdade na regulamentação da lei votada. Se s. exc. não interpetasse o espirito da lei para favorecer, não o faria tambem para prejudicar o escravo.

Uma politica sincera, firme nos seus principios e precisa nos seus fins, teria confiado ao sr. João Alfredo, ha dous annos, o complemento, ao menos, da lei Saraiva.

O imperador, porém, achou melhor surprender o sr. barão de Cotegipe com a sua confiança. Não viu que o partido conservador atura-lhe a chefia, como nós aturamos o reinado de sua magestade: a olhar para o tempo.

O resultado não se fez esperar. Nunca o problema servil teve tamanha gravidade como actualmente. O abolicionismo conveenceu-se, afinal, de que não bastam flores, musicas e discursos para desempenhar-se do seu compromisso para com a civilização, contra esses algozes que rasgam a lei que lhes prohibe o castigo barbaresco aos escravizados e que empregam o bacalhau e a torpezza contra victimas indefesas; e precisa empregar argumentos mais convincentes, a rethorica eloquentissima dos americanos do norte contra os estados do Sul.

Sua magestade permittiu que o ministerio e a sua policia praticassem todas as violencias para incutir terror á propaganda abolicionista, e os senhores de escravos vieram collaborar com o governo imperial por meio de crimes monstruosos.

O governo quiz entibiar os cidadãos; os fazendeiros se propuzeram a submeter os escravos. Dahi o sr. Coelho Bastos que amarrava e mandava espancar escravos capturados para fazer os embarcar para os açougues rurais; o sr. Coelho Bastos, de omnirosa memoria, ser completado pelos fazendeiros que consentem no assassinato de mulheres na surra e que arrancam e quebram dentes de escravos á torpezza!

E ainda se estranha que haja um sacerdote de Christo que se negue a render graças ao Deus de misericordia e paternidade pela conservação de um escravo, que, pelos interesses da sua dynastia conserva uma instituição que é o crime organizado e a barbaria legalizada.

Ao Sr. Chefe de Policia

Esta providencia de andarem os subdelegados a remechar cortiços está se tornando na cousa odiosa. O subdelegado de Iphigénia ao anoitecer do dia 18 de Setembro, lentamente arrombando a porta de um cortiço, de tal guisa, que se viu a guarnição sob fundamento de não ter respondido a quem batia, alem disso prendeu o pobre homem e depois o proprio subdelegado deu busca na dita casa donde apprehendeu um revolver e uma faca!

Todo cidadão tem direito a usar armas em sua casa, não sabemos que ordens são estas de remechar-se casas para tirar armas.

Os capitães do matto malta de vagabundos andam alli fazendo violencias no exercicio do seu torpe officio e não ha quem se respeite.

Chega a remechar-se casa dos pobres.

E bom que o sr. chefe prohiba esses abusos.

CARTAS DE SANTOS

Março de 1887

O vereador Oliveira Pinto propoz á nossa camara a creação de um livro denominado Redempção, no qual fossem inscripto o nome das pessoas que concorressem com o seu obolo para a liberdade dos escravizados que infelizmente ainda restam neste municipio.

O mesmo senhor acrescentou que subscrevia desde já em seu nome e no de alguns amigos a quantia de um conto de réis.

O acto que praticou o benemerito vereador está acima dos elogios que eu posso fazer-lhe: tornou-o credor da gratidão publica.

Si porém, achei-me contente em ver um cidadão que occupa um logar proeminente, como é o de vereador, interessar-se pela restituição da liberdade roubada a uns desgraçados, entristeci-me, envergonhei-me com esta horrivel verdade.

Em Santos, na terra que se diz redimida, no berço de José Bonifacio, na cidade de tão gloriosas tradições, ainda ha escravos matriculados na alfandega e averbados na mesa de rendas! Agora, que nos é conhecida de todos esta vergonha que nos avilta e desmoralisa, porque o digno sr. Oliveira Pinto declarou isso na camara perante o publico, é preciso que digamos algumas palavras á provincia, ao paiz, a todos os brasileiros emfim:

Si ainda desgraçadamente existem alguns infelizes presos á corrente da escravidão em Santos—justiça se faça—não devem ser culpados por isso o denodado chefe do abolicionismo santista—major Joaquim Xavier Pinheiro nem tão pouco a sociedade emancipadora Vinte e Sete de Fevereiro, nem tão pouco a generosa população de Santos.

Dito isto, não vamos procurar saber quem foi que directa ou indirectamente causou tão grande mal á nossa cidade; evitemos todos os nossos esforços, reunamos as nossas forças e trabalhemos corajosamente, sem tregozas, para que libertando o pequeno numero de escravizados que ha ainda, mantenhamos Santos no alto conceito em que é tida em todo o imperio.

O livro que, por proposta do sr. Pinto, a camara vai crear, será um grande auxilio, mas por si só talvez não baste. Ahi está, porém, a sociedade 27 de Fevereiro, ahi está o povo de Santos sempre prompto a concorrer para tudo quanto é grande e generoso.

Appellemos, para elle e hemos de ter o seu apoio valiosissimo, hemos de conseguir a libertação dos que regam este solo com o seu suor de captivo. Os proprios possuidores de escravizados, não ha de oppôr tenaz resistencia aos benemeritos que emprenderem essa obra tão humanitaria; elles comprehenderão perfeitamente que já tiraram de ha muito os juros do capital empregado na compra do negro, e talvez que por um simples pedido, por um simples appello aos seus sentimentos, concedam a liberdade aos seus escravos.

Uma vez que não exista escravo algum matriculado ou averbado neste municipio, e creado o imposto que propoz o vereador Guilherme Souto, Santos será sempre a grande terra dos livres, onde, para gloriar a memoria de José Bonifacio, libertou-se todos os captivos.

Para isto, porém, é preciso que, sem demora de tempo, sem envolver no meio a politica que nada tem a ver com a redempção dos escravizados, com toda a união, com toda a boa vontade, mettam as mãos á obra com o firme proposito de tudo vencer.

Fazer isto é um dever que se impõe a todos os habitantes de Santos e creio perfeitamente que ha de ser cumprido.

Santistas! Das columnas d'a Redempção da unica folha dedicada a propaganda abolicionista, que se publica na nossa provincia, eu peço-vos em nome de José Bonifacio:

Liberteis os poucos escravizados que ainda existem em Santos!

LINCOLN.

Rio Claro

Nesta cidade, apesar de ter um jornal republicano está retido na cadeia Manoel cocheiro escravo do dr. Angelo Pires Ramos ha muito mais de tres mezes, sem que uma alma se compadeça desse infeliz.

Que juiz! que bom exemplo de justiça conservar-se um homem preso sem crime. Republicanos; lembrem-se das idéas que prégam.

SECÇÃO ESPECIAL

Chronica da Assembléa

Tal é o amor que têm os paes da patria pelos interesses da nossa provincia que quarta-feira, á noite, apesar de chover torrencialmente, ás 7 horas e alguns minutos já estavam todos os deputados em suas competentes cadeiras.

O Leonel Ferreira, representante do mutismo, sentou-se perto do conego Rodrigues, mudo e quedo, qual penedo junto d'outro penedo...

Lida a acta pelo benemerito doador de terrenos Piedade, approvada a dita, entrou em discussão a questão do matedouro.

Neste interim entram o Faustino X, quatro tropas de linha, que se matricularam deputados permanentes das galerias, o Novaes do Bananal, e pede a palavra o Cruz.

Não sabemos porque o sr. Cruz tem por costume, cada vez que annexar uma porção de terreno, que atrapa-lham quasi sempre os discursos e affligem os seus ouvidos.

O Cruz requereu cousa justa—que o regulamento do matedouro fosse á commissão competente, desde que tinha emendas.

O sr. dr. Rodrigo Silva, que quer passar, e de certo passa, por um presidente integro e energico, desta vez baqueou.

Notamos que o Queiroz Telles de vez em quando olhava para as galerias a ver si enxergava...

Entraram alguns normalistas e o Joaquim Braz.

Pede a palavra o Lobato, deputado de força, director dos outros deputados liberais, liberal no nome, conservador nas idéas, opposicionista de calculo, frequentador de palacio, e sustenta as idéas republicanas, unicamente para que fosse approvado o tal regulamento do matedouro.

Um deputado suplementar, que estava sentado á nossa direita, disse: «Esta questão do matedouro e a do Ypiranga têm agua no bico...»

Só o Leonel, sentado perto do conego Rodrigues, estava mudo e quedo, qual penedo junto d'outro penedo...

Entrou o Aquilino, Raphael Correia e mais um deputado de olhos, que não conhecemos, e as galerias entraram os deputados de força Juca Baruel e o juriscultivo Vizeu.

Esquecimo-nos de dizer que tambem fallou o Rangel Pestana e affirmou que estas reformas, que ultimamente tinham os deputados adaptado, de dar toda a liberdade ás camaras municipais de fazerem as asneiras que quizessem, partia de s. s. que sempre prégo essas doutrinas.

Nós hoje mudamos de idéa, entendemos que as camaras têm o direito de legislar de conformidade com a vontade de seus municipios, e que até deve supprimir-se com as assembléas provinciaes por inúteis e dispendiosas.

Que quer dizer tantas e tantas pessoas, quasi todas eleitas, não por vontade do povo, mas por imposição dos mandachuvas locais, a fazerem immensos discursos e jogo de disparates?

O que aproveita a provincia dos discursos de um Lobato, de um Castilho e de um Theophilo Dias?

Antes todos os deputados fizessem como Leonel, que, sentado perto do conego Rodrigues, mudo e quedo, qual penedo junto d'outro penedo...

O Rodrigo Silva ficou de calva á mostra quando, discutindo-se o orçamento do matedouro, provou o Evaristo Cruz que elle mesmo tinha dado o despacho mandando que os papeis fossem á commissão competente.

Neste interim ouviu-se o estampido de um trovão. O coronel Telles benzeu-se, o Raphael Correia rezou um magnificat, e o conego Rodrigues, correndo, vae metter-se em baixo de umas escadas onde tem um quartinho muito cheirosinho, e, erguendo a batinhinha, sentou-se alli, fez umas carantonhas, não sabemos porque...

A comida do Sr. Bispo dizem que é muito gostosa.

Emquanto fallava o dr. Evaristo Cruz, o dr. Rodrigo Silva desenhava em um papel um olho do que não sabemos... e o Arthur Prado, sentado ao lado do dito, pintava uma mão de almofariz, naturalmente para ser applicada no olho.

Continuou o sr. Evaristo Cruz a provar que era exorbitante o orçamento do matedouro.

O Barbosinha cochilava, ria-se o Lopes, tambem ria-se o Rangel Pestana e o antipathico Celidonio; só o Leonel, perto do conego Rodrigues, que já tinha chgado, conservou-se mudo e quedo, qual penedo junto de outro penedo...

Tambem fallou o João Egydio defendendo as emendas que suppriram as posturas de Santa Cruz das Palmeiras, e o sr. Queiroz Telles deu diversos apartes, fazendo ver que tinham sido apenas duas emendas.

Este sr. Queiroz Telles, si não pertence á familia que pertence, nunca passaria de ferriol da guarda nacional; mas, como os tempos mudam-se, assim mudam-se os homens, porque além de ser o sr. Queiroz Telles coronel da guarda nacional, é deputado e membro proeminente da commissão de camaras, tanto assim que o sr. Rangel Pestana, que pretende fazer a republica, não com ferro e fogo, mas com cortezia, affirmou que já tinha consultado o intelligente coronel em materias municipaes...

Um velho deputado suplementar, nos fez lembrar aquelle bando de ladrões que roubava sem empregar a força, apenas fazendo cocegas, de sorte que as victimas iam ficando sem relógios e carteiras e ainda por cima dando risadas.

Estes republicanos são mais finos que já de ragado.

Mas, quando estavam fazendo estas tristes reflexões, o Barbosinha cochilava, e o Leonel sentado perto do conego Rodrigues, estava mudo e quedo, qual penedo junto de outro penedo...

Falla o dr. Aquilino e discutiu sobre cifras, mostrando, com dados extrahidos dos livros da camara, que a nossa camara é um cifrao...

Neste interim, olhando para o recinto, notamos que o sr. Elias Santos, para enganar o Faustino X, que era elle, Elias Santos, vice-presidente, arranjou uma poltrona e collocou-se entre o José Maria e o Barbosinha, servindo um de primeiro secretario e o outro de segundo.

O Rodrigo Silva, cansado de pintar o olho, pois que o padre só elle pinta no Rio, convidou o antipathico Celidonio para tomar assento, e este, depois de fazer uns luxinhos como quem não queria o logar que tão indignamente exerce, poz o fim do lombo na cadeira.

Emquanto o Aquilino fallava conversava o sr. Celidonio com o Piedade, contando a melhor fórma de castigar escravos quando são rebeldes... e o sr. coronel Correia, com ares de caipira civilizado, ria-se de vez quando sózinho, admirado naturalmente de estar collocado em uma posição que elle mesmo não pôde explicar.

Quando isto tudo se dava, o Leonel, sentado perto do conego Rodrigues, estava mudo e quedo, qual penedo junto de outro penedo...

É inutil dizermos que o regulamento municipal passou, tendo apenas dous votos contra, ao passo que o projecto de lei que tratava da localisação de escravos nas comarcas nem mereceu as honras

CHICO BARRIGA.

Chronica negra

Embora se diga que no Brazil os escravos gozam de mais regalias do que gosaram os escravos da antiga Roma; embora se diga que a religião catholica veio melhorar a sorte desses infelizes, nós entendemos que as barbaridades de Roma eram provenientes do direito que tinham os senhores de matar os escravos, porque a escravidão alli era a consequencia da guerra.

Quem podia matar o inimigo podia tambem conceder-lhe a vida, conservando-o no captivo.

No Brazil, porém, a escravidão nasceu da necessidade de educarem-se os gentios de Guiné na religião catholica apostolica romana, de sorte que, transportados esses infelizes para este paiz, com o fim de serem instituidos nos santos principios da religião, captivaram-os, e desta fórma a religião para elles foi um mal.

—Antes magro, disse o leão ao cachorro, com liberdade, do que gordo com corrente.

Antes ser gentio livre do que catholico apostolico romano escravo.

Estas considerações nos vieram á idéa pelo facto seguinte:

Em S. João do Rio-Claro existe uma fazenda denominada—Barra de Santa Theresza, pertencente á viuva de Antonio Messias Franco, da qual é administrador um tal Francisco Ferraz do Amaral Gurgel; alli, si bem que ha tempos o bacalhau esteja de férias, o reho e a palmatoria trabalham por uma fórma admiravel.

Alli existe o vira-mundo, machina infernal, inventada unicamente para tormento de escravos.

Dormem no tronco ha muito tempo, sem que tenham a quem appellar, pois que a justiça deste paiz dá tanta liberdade aos ladrões e ratoneiros e aos estelionatarios e assassinos, aos escravos é

surda, como acontece com os infelizes Verissimo, Eduardo e Fiel.

Existem em ferros ha muito tempo: José, mulato muito mais claro que o Cotegipe, trazendo um ferro redondo remanchado a martello em uma das pernas.

Dominguinhos, com a mesma qualidade de ferro. Eduardo, com ferro da mesma natureza.

Eis abi tres infelizes que, trabalhando de sol a sol, sem receberem pagamento de seu trabalho, carregados de ferros, sem ser em virtude de uma condemnação judicaria, são, entretanto, brasileiros e pertencem a um paiz onde ha uma constituição que garante a liberdade individual.

Quanto á religião, nos escravos nesta fazenda não se permite ouvir missa domingos e dias santos, nem tão pouco confessarem-se, quando manda a santa madre igreja catholica apostolica romana, da qual é sustentáculo o Thabor, organ da nossa diocese, que trata mais de instruir seus leitores das variações do cambio e dos preços dos generos do mercado, do que chamar os senhores de escravo ao cumprimento dos seus deveres.

A alimentação desta fazenda é feijão e angú.

Chronica de annos

Em Santo Amaro faz annos Felipe Aureas Delaborde, que escrevia cartas aos s. rs. de escravos, servindo de capitão de matto, mediante retribuição; deixando de fazer annos o major Batata a quem o tal Delaborde, entregou um escravo.

Faz tambem annos Antonio Cesarino por querer que sua constituinte e sogra prejudicasse o fundo de emancipação provincial ficando esperado o dr. Alberto de Andrade até segunda ordem, bem como Firmina, Helena e Maria.

Fazem annos em Pirassununga João de Lacerda Franco, republicano e umas formigas muidas que morderam um pobre preto depois de bem surradoo bacalhau; no mesmo logar, dia e hora faz annos o mulato Joaquim Mendes, que compra escravos para amansar, fazendo annos no inferno aquelles capitães do matto que morreram em Campinas.

Continuam a fazer annos na Limeira o republicano José Vianna e Belisario Leite ficando esperado o Rvaristo dos Santos até ficar liquidada a questão do Itapura. Em S. José dos Campos faz annos Cairra em Campinas o Souza pela certa e todos os republicanos que têm escravos, fazendo tambem annos no mesmo logar, dia e hora Francisco Alves de Almeida Salles e Elias do Amaral Souza.

Nesta capital...

Contra o projecto de dar liberdade aos negros nas comarcas e com elles o Pernambuco, Pacá, Inlio de Almeida, e ficando esperado em Mogy-mirim o Freitas Leitão para quando acabar o seu annuncio de negros fugidos.

No Braz faz annos o Aragão de enchô em punho por causa do esquadro, fazendo annos em Mogy das Cruzes, as autoridades que não cumpriram com o seu dever.

Faz annos mais o major Felismino ou Felisbino do Journal do Commercio que deixou louco um escravo de tanto maltrata-lo.

Faz annos tambem nesta capital o Isaac ex-escravo do visconde Moreira Lima por ser denunciador dos seus parceiros; ficando esperado o Paulo José da Costa e seus quijos até ser justificado o negocio do Pary; fazendo no entretanto annos o Macedo que trocou o preto Vicente por mil queijos com corrente de mulher anta por baixo do collete.

Fazem annos em Taubaté o mulato João Leandro, em Jacarehy a Catharina, em Santos o vigario Oliveira ficando esperado o major Batata por causa do São José...

Em Itatiba fazem annos Manoel da Silva Franco, Damasio, ficando esperados outros carrascos para de hoje a tres dias.

Principia a fazer annos nesta capital Aderico Souto.

Abusos em Goyaz

Dos jornaes que se publicam na quella provincia vemos com prazer que trata-se de abolir de vez o elemento servil.

Da terra de Bulhões Jardim não se pôde esperar sinão actos desta natureza.

E pena que o partido conservador impuzesse pessoa desconhecida para representar aquella provincia na assembléa geral. Goyaz pôde dar com facilidade 10 ou 20 deputados geraes, porque conta com muitas intelligencias.

Tiveram occasião de conhecer, quando frequentavamos os bancos da academia, diversos estudantes goyanos, cujas intelligencias faziam inveja.

São esses naturalmente os que trabalham pela causa da liberdade, e é bom que depois de emanciparem os escravos, tratem unidos com a nossa provincia, da separação do resto do imperio que é tão fatal ao progresso das provincias, como S. Paulo e Goyaz.

SEMANA SANTA



22\$000

Pela quantia acima terá o freguez um magnifico costume de panno preto, fazenda bem acabada á ultima moda.

14\$000

Um elegante costume diagonal—para creanças de tres annos para cima.

Enorme Sortimento

DE

GRAVATAS

18\$000

Uma caixa com seis camisas brancas, sem punho e sem collarinho—fazenda superior—importado directamente da Europa.

A LA BELLE JARDINIÈRE

A. Lino & Comp.

EM FRENTE AO GRANDE HOTEL

RUA S. BENTO 30

SÃO PAULO

A LA BELLE JARDINIÈRE

30--RUA DE SÃO BENTO--30

Loja do Rocha

20-Rua da Imperatriz-20

A seus numerosos amigos e freguezes a **Loja do Rocha** previne que acaba de receber completo sortimento de calçado Ferris e outros fabricantes de Europa, e avisa que é o unico depositario do calçado Klark & Comp. (Travessa do Ouvidor n. 35, Rio de Janeiro.)

GRANDE OFFICINA DE CALÇADOS FINOS

LOJA DO ROCHA

20-Rua da Imperatriz-20

Industria Nacional

Só na casa Pomona

Biscoutos, lata, 1\$160.

VICENTE P. GUIMARÃES

LARGO DO MERCADINHO N. 8

Fabrica de caixas de papelão

DE

JOÃO LEITE & ARAUJO

RUA JOSÉ BONIFACIO, 5 A

Apromptam-se com brevidade e preços commodos: caixas para chapéus, camisas, meias, flores artificiaes, grinaldas, fogos e qualquer caixa de luxo,

S. PAULO

PEDRO P. BITTENCOURT & COMP.

Importam directamente dos melhores e mais aperfeiçoados fabricantes os seguintes artigos, que constituem a **especialidade** de sua casa:

Vidros para vidraças, papeis pintados nacionaes e estrangeiros para forrar casas, vidros de côres e de espelhos: transparentes e cortinas para janellas, tapetes para ferrar salas, tapetes em peças, tamanhos diversos, e capachos, espelhos ovaes e quadrilongos, com molduras douradas, escadas americanas, oleados para mesas e escadas, molduras de estylos modernos para quadros, papel e tinta de impressão etc., etc.

Preços módicos

Com maxima urgencia apromptam e despacham para o interior qualquer encomenda.

RUA DE S. BENTO, 36

(Caixa do correio n. 33, Telephone n. 33)

S. PAULO



CHEGARAM GRANDES NOVIDADES MUSICAES
NA CASA DE PIANOS E MUSICAS

DE

Eduardo Pons & C.

RUA DE SÃO BENTO 27, SÃO PAULO